

Elaine Cristina Carvalho Duarte¹

RESUMO

O artigo comenta o mundo da leitura e da mídia, relacionando esses dois conceitos com a poesia eletrônica publicada na internet. Partindo do princípio de que a formação do leitor é concebida mediante hábitos, investigarei os suportes textuais digitais e sua importância para a propagação de idéias e para a construção das práticas de leitura ao longo da história e no mundo contemporâneo. Buscando conhecer o lugar da literatura eletrônica no cenário atual, serão abordadas as teorias sobre mídia, intermedialidade e cibercultura, propostas por Villém Flusser, Siegfried Schmidt e outros teóricos, acompanhadas das teorias sobre o texto eletrônico apontadas por Katherine Hayles, Alckmar Santos, Jan Baetens e Jan Van Looy. Serão enfocados também alguns exemplos de textos literários digitais.

PALAVRAS-CHAVE: ciberliteratura; texto eletrônico; intermedialidade.

ABSTRACT

The article comments the world of reading and media, relating these two concepts with the electronic poetry published on the Internet. Assuming the principle that the reader formation is conceived from habits, I will investigate textual digital supports and their importance for the propagation of ideas and to the construction of reading practices along history and in the contemporary world. Seeking to know the place of electronic literature in the current scenario, it will be discussed the theories about media, intermediality and cyberculture, proposed by Villém Flusser, Siegfried Schmidt and other theorists, accompanied by the theories of electronic text pointed out by Katherine Hayles, Alckmar Santos, Jan Van Looy and Jan Baetens. Will be also focused some examples of digital literary texts.

KEYWORDS: cyberliterature; electronic text; intermediality.

¹ Doutoranda em literatura pela Universidade de Brasília como bolsista da CAPES.
E-mail:naneduarte@hotmail.com

O meio é a mensagem
O meio é a massagem
O meio e a mixagem
O meio é a micagem
A mensagem é o Meio
de chegar ao Meio.
O Meio é o ser
em lugar dos seres,
isento de lugar,
dispensando meios
de fluorescer.

(Carlos Drummond de Andrade, 2012, p.13)

No decorrer da história da leitura, e da história da mídia, há sempre uma resistência ao novo meio de difusão do texto. Resistência que tem suas bases calcadas no medo de se perder algo que consideramos importante e que, de certa forma, nos constitui como indivíduos. Por essa razão vê-se no leitor contemporâneo o mesmo comportamento do leitor da Antiguidade, da Idade Média e da Modernidade: o medo de assumir novos suportes de leituras. Crescemos e aprendemos a ler em livros impressos, assim como o homem medieval havia apreendido o mundo via livros manuscritos e leituras orais, e o homem da antiguidade, via leitura pública. Imaginar uma biblioteca inteira guardada em um computador ao mesmo tempo em que representa a realização de um sonho gera também um sentimento melancólico. Como viver sem o objeto livro?

Desde os primórdios da história da humanidade, os homens são criadores. Criadores de objetos, de técnicas, tecnologias e artes. Muitas coisas foram construídas, utilizadas e descartadas em função de outras. Com a arte ocorreu o mesmo. Muitas formas artísticas nasceram e caíram em desuso como afirma Walter Benjamin (2005, p. 226 e 251). Segundo esse autor a tragédia grega apareceu para morrer com os gregos e reaparecer apenas muitos séculos depois apenas sob o formato de regras. Assim, com a evolução das técnicas artísticas, novos formatos de arte foram surgindo e “na época da reprodutibilidade técnica, o que é atingido na obra de arte é a sua *aura*.”

Este é um artigo sobre o mundo digital, uma breve análise sobre a literatura virtual e suas peculiaridades. É um estudo que busca pensar o lugar do texto digital

no imaginário literário construído há cinco séculos com bases no texto impresso, e mais do que isso, após um longo período calcado na literatura oral e na manuscrita.

O cenário literário está confuso, já não sabemos mais delimitar as fronteiras entre a literatura e as outras artes. O aparecimento do mundo eletrônico tem revolucionado as artes e quebrado paradigmas, gerando desconfiança no homem moderno acostumado com o objeto livro, pois, como afirma Sérgio Bellei (2002, p.10 - 14), a perda da natureza do livro, tal como o conhecemos, simboliza muito mais do que a perda de um simples objeto de consumo, significando na realidade a perda de uma instituição, “que propicia uma certa ética individual e social, uma *força* que movimenta setores econômicos e estabelece interesses individuais e coletivos, uma *tecnologia* que molda subjetividades.”

Assim como a história da literatura impressa está diretamente ligada à tecnologia mecânica da prensa de Gutenberg, a história da literatura eletrônica é indissociável da evolução da tecnologia dos computadores, e o que muda da primeira para a segunda é a tecnologia, que de analógica passa a ser digital, ou seja, de uma representação física passa para uma representação matemática. É todo um mundo diferente que se abre para o homem pós-moderno. Nesse sentido, os aparatos eletrônicos apresentam-se como objetos abstratos, com funcionamentos internalizados. Vilém Flusser (2008, p.15), um dos mais importantes críticos sobre a cibercultura, afirma que estamos vivendo o fim da linearidade textual. A informação que antes chegava até nós via texto escrito, agora nos chega via fotografias, filmes, vídeos, computadores, TVs, “as imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas por pontos.”

A realidade virtual transformou nossa visão de mundo, o que parecia ser um sonho tornou-se realidade. A virtualidade diminuiu as distâncias no mundo. Hoje nos comunicamos com todas as partes do planeta, acompanhamos fatos em tempo real e acessamos informações imediatas de qualquer meio eletrônico. Nosso momento é marcado pelas tecnologias digitais, e muitos intelectuais e críticos literários atestam que no mundo tecnológico não há espaço para a literatura.

É preciso compreender que a tecnologia não é um privilégio do mundo moderno. Desde que o homem primitivo criou seu primeiro instrumento de caça, e seu primeiro utensílio doméstico, que vivemos no mundo da tecnologia. O papiro, o pergaminho, o livro de rolo, o ábaco são exemplos de tecnologias da antiguidade que foram aos poucos sendo substituídas por outras mais eficientes. A Era Moderna certamente acentuou a simbiose entre homem e máquina, e os aparatos mecânicos e digitais tornaram-se uma extensão do ser humano, mas, como afirma Steven Johnson (Apud. VILLAÇA, 2002, p.13) “a vida de Leonardo da Vinci ou de Thomas Edison bastaria para nos convencer de que a mente criativa e a mente técnica coabitam de longa data.” Nesse sentido é falacioso e exagerado atribuir à tecnologia a morte da arte ou da literatura. A história nos mostra que o processo de leitura sofreu mudanças ao longo dos tempos. Da leitura de nós² à leitura em *e-readers*, a literatura passou por várias transformações, adaptando-se às mídias de leitura.

É notável que exista uma dificuldade de assimilação do homem contemporâneo em incorporar os modos eletrônicos aos seus hábitos cotidianos. Ficamos maravilhados com as facilidades do mundo virtual, mas ainda nos prendemos a velhos modelos e passamos pelos mesmos embaraços que os leitores do século XV quando se viram frente aos textos impressos. Robert Darnton (2010, p.15) afirma que “o futuro, seja ele qual for, será digital. O presente é um momento de transição, onde modos de comunicação impressos e digitais coexistem e novas tecnologias tornam-se obsoletas rapidamente.” Vamos, aos poucos, nos encontrando no ciberespaço e nos tornando parte da cibercultura.

Atualmente o que se vê é um crescente número de hábitos de leitura relacionados ao mundo virtual. Ler em um computador, em um *tablete*, em um *e-reader* ou até mesmo na tela de telefones celulares são práticas que têm se tornado cada vez mais usual. Na medida em que essas práticas crescem, crescem também as preocupações com o futuro da literatura, especialmente com o futuro da leitura em livros impressos. Entretanto, historicamente, as manifestações literárias que se davam

² A história nos conta que os homens primitivos e as sociedades antigas praticavam o ato de ler pictografias, figuras gravadas em argila, entalhes de ossos, cascas de árvores, couro, e até mesmo liam nós e varetas, usadas para expressar quantidade.

por meio dos textos manuscritos e orais, não desapareceram a partir do século XV, quando surgiu a prensa e o livro impresso, as três formas co-existiram por um longo período, e apesar de ser menos usual nos dias atuais, a literatura oral continua viva. O que se vê no processo de transição do texto impresso para o eletrônico é quase uma relação especular com o passado. Assim como as obras impressas copiaram as obras manuscritas, os livros eletrônicos tendem a copiar os livros impressos, e a transformação da sociedade impressa para a digital se dará de forma gradual, o que não significará o fim da literatura ou o fim do livro. Ao contrário do que muitos querem crer, os *e-readers* não significam o fim da leitura, mas sim uma mudança no comportamento do leitor, que passará a se relacionar com os textos de outras formas, alterando a noção que se tem de literatura.

Nessa perspectiva amplia-se o conceito de literatura para além das fronteiras do texto escrito, uma vez que a literatura da nossa era é também um estudo das mídias. Sigfried Schmidt (1990, p. 5) atesta que as atividades literárias estão relacionadas entre si, pois a recepção, a produção, a distribuição e o processamento são partes integrantes do sistema literário, não podendo ser excluídos dos projetos de estudos acerca do mundo literário. A forma como os gregos, os romanos, os egípcios e os medievais liam, estava intimamente ligada ao sistema literário e as práticas de leitura. A forma como os modernos leem também é indissociável das mídias. A leitura silenciosa e individual, tal como a conhecemos hoje, só foi possível a partir do suporte livro, leve, barato e fácil de manusear. Assim, não há como isolar os objetos de estudos da literatura, uma vez que eles se apresentam a partir da forma com que foram constituídos, tornando os suportes imprescindíveis para a apreensão dos conteúdos, uma vez que o primeiro é um determinante do segundo.

Vivemos na era dos suportes multimídia e na sociedade das imagens, por isso o mundo moderno não aceita mais a monocromia, como afirma Flusser (1997, p.21):

Nosso ambiente se satisfaz com as cores, que dia e noite, no público e no privado, gritam e sussurram, reclamando nossa atenção. Nossas meias e nossos pijamas, conservas e garrafas, mostradores e cartazes,

livros e mapas, bebidas e sorvetes, filme e televisão, tudo é in *Technicolor*. (...) Nós somos irrigados por cores cheias de significados, nos programam com cores. Elas são um aspecto do mundo codificado, no qual temos que viver. (Tradução minha)

Nesse sentido a literatura se vê no mesmo caminho, abarcando a totalidade dessa modernidade em *technicolor*, misturando cores, linguagens e conceitos. Heterogeneidade e intermedialidade parecem ser as palavras de ordem do novo universo que se desvenda. A literatura eletrônica atravessa palavras, linguagens visuais e sonoras, movimentos corporais, atribuindo a esses elementos o mesmo valor, propiciando uma significação que se revela a partir do entrecruzamento dessas linguagens, de novos espaços, novas posturas sociais e corporais.

O ato de ler envolve muito mais que o simples deslizar de olhos sobre o objeto de leitura, ele denota uma prática social. Ler, para alguns povos, demandava esforço físico, trabalho corporal, para outros, momentos de relaxamento e de confraternização. Os atos de leitura estão envoltos em movimentos corporais e sociais desde a prática antiga de segurar as tabuletas de argila para leitura pública; o desenrolar dos rolos de pergaminho pelos gregos e romanos; o movimento de mudança de páginas do *códex* dos povos medievais e modernos, que transformaram a prática de leitura em um ato individual e privado, aos atos contemporâneos de ler no computador, usando o *mouse*, abrindo janelas, clicando em ícones, usando o teclado e controlando sons, ou seja, atualmente, é possível descobrir o mundo com as pontas dos dedos.

O homem é um ser técnico e tecnológico. Desde o surgimento dos primeiros utensílios de caça, até a invenção dos mais avançados aparados eletrônicos, que os instrumentos e os meios estão inseridos em nossas vidas funcionando como uma extensão de nossos corpos. Para o homem pós-moderno os dispositivos eletrônicos tornaram-se indispensáveis, uma vez que são fundamentais para manter a sociedade da informação do início do século XXI. No mundo da literatura esses dispositivos também se tornaram uma regra, até mesmo para os mais tradicionais. Nos dias de hoje nenhum texto é publicado sem que passe pelos recursos da computação. Cada letra, cada palavra que lemos no nosso dia a dia são concebidas na

linguagem das máquinas, pois o mundo moderno é matemático, as imagens e as letras são matemáticas. Esse fenômeno é reflexo do “universo das imagens técnicas”, que existe a partir do código binário. As letras não são letras, como em uma máquina de escrever, mas são combinações numéricas que decodificadas por um programa de computador tornam-se letras.

Nesse sentido é importante ressaltar a importância do espaço no texto digital, uma vez que esse texto não se caracteriza como mera transferência do texto impresso para o virtual, ele apresenta características próprias que o definem como um texto abstrato, um texto que só existe no universo matemático e imaterial. Enquanto o espaço para os escritores do texto impresso se limitava ao papel, para o escritor virtual esse espaço é ilimitado, pois é o espaço do *software*, portanto infinito. Reside aí a grande diferença entre o mundo impresso e o digital. Os concretistas já sonhavam unir sons, imagens e letras em um só texto, porém esbarravam nas fronteiras impostas pelo espaço limitado do papel, que foram abolidas no espaço da virtualidade.

O que está em jogo são os equipamentos técnicos que permitem apresentar nas telas algoritmos (fórmulas matemáticas) em forma de imagens coloridas (e possivelmente em movimento). Isso é diferente de projetar canais em tábuas mesopotâmicas, de desenhar cubos e esferas nos quadros cubistas, e também difere de projetar aviões a partir de cálculos. Porque nesses casos se trata de projetar formas para materiais que serão contidos nelas (formas para aquedutos, para as *Demoiselles d'Avignon*, para os jatos Mirage); já o exemplo anterior diz respeito a formas platônicas “puras”.(...) Antigamente, o que estava em causa era a ordenação formal do mundo aparente da matéria, mas agora o que importa é tornar aparente um mundo altamente codificado em números, um mundo de formas que se multiplicam incontrolavelmente. Antes o objetivo era formalizar o mundo existente; hoje o objetivo é realizar as formas projetadas para criar mundos alternativos. (FLUSSER, 2007, p.30,31)

Nesse sentido o poema digital se diferencia do poema impresso por apresentar características espaciais diversas. Enquanto o texto impresso apresenta a imagem apenas no plano unidimensional, o e-poema é tridimensional, multifacetado e multiespacial, permitindo tanto ao autor, quanto ao leitor, se aventurar por mundos verdadeiramente insólitos.

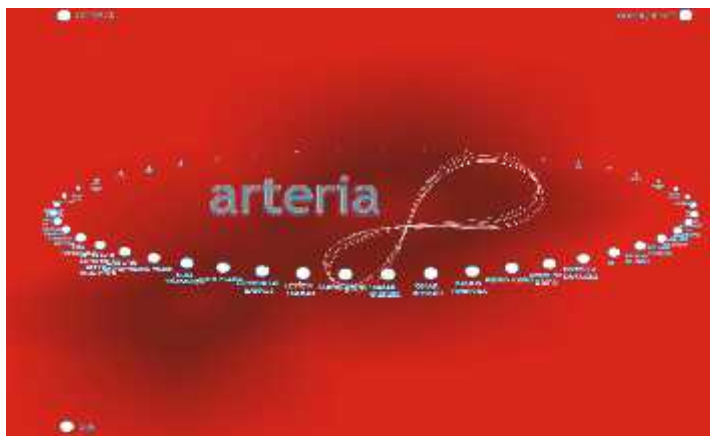
Seguindo nessa linha chegamos ao ponto que nos permite diferenciar os e-textos dos demais, uma vez que há uma tendência em considerar como texto eletrônico todo tipo de literatura digital. Sem dúvida que todo e qualquer texto digitalizado é um texto digital, mas a obra que apresenta características de texto eletrônico, de literatura digital, é específica, pois apresenta características intrínsecas a esse gênero, sendo formulada a partir dos componentes multimidiáticos disponíveis. Dessa forma é possível ver o texto digital sob duas perspectivas: dos textos tradicionais meramente reproduzidos para o formato eletrônico, e dos textos pensados e criados especificamente para o formato digital. Entretanto, o que chamamos de literatura digital é apenas aquela feita e pensada para os suportes eletrônicos. No primeiro caso não há muito o quê refletir acerca dos aspectos estéticos envolvidos, uma vez que a estrutura tradicional é trazida para o plano digital, entretanto, o segundo caso é merecedor de atenção, uma vez que se faz necessário desvelar essa nova poética que surge diante de nós.

Para Katherine Hayles (2009, p.20), a literatura eletrônica não é a simples digitalização de textos impressos, ela apresenta características próprias e é “nascida no meio digital”, pois é pensada para esse meio, é “um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador”.

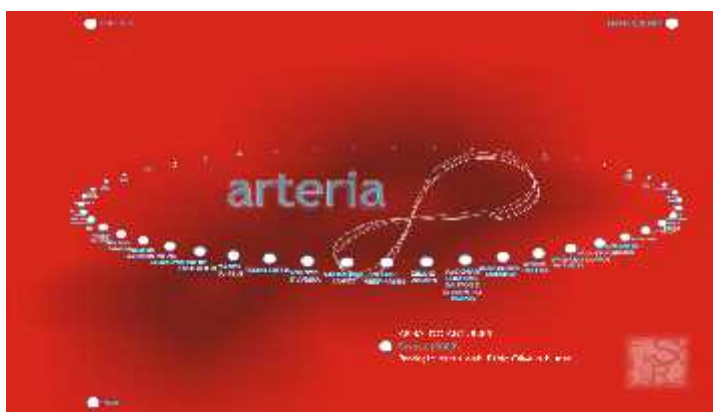
Alckmar Santos (2011) apresenta visão semelhante à de Hayles quando afirma que não é fácil definir literatura digital. Não basta digitalizar um texto e divulgá-lo na internet para ser considerado literatura digital. Nesse caso o texto é apenas digitalizado, porque não apresenta recursos de programação na sua criação, o “digital” é apenas “uma forma de divulgação não questão artística”. Por esse prisma a “questão artística” está diretamente ligada ao espaço que deixa de ser concreto e torna-se matemático.

Jan Baetens e Jan Van Looy, no texto “E-poesia entre a imagem e a performance: uma análise cultural”, se arriscam em definir a poesia eletrônica se valendo de elementos como a interação, a multimedialidade e a mobilidade para caracterizar o texto eletrônico.

A revista de poesia eletrônica, *Artéria 8³* abriga poemas construídos sob o amparo da linguagem de programação, fazendo uso da multimídia, do hibridismo, da interação e do espaço tridimensional. Ao abrir o sumário da revista o leitor é convidado a participar de um jogo poético à medida que precisa “caçar” os poemas que pretende ler.



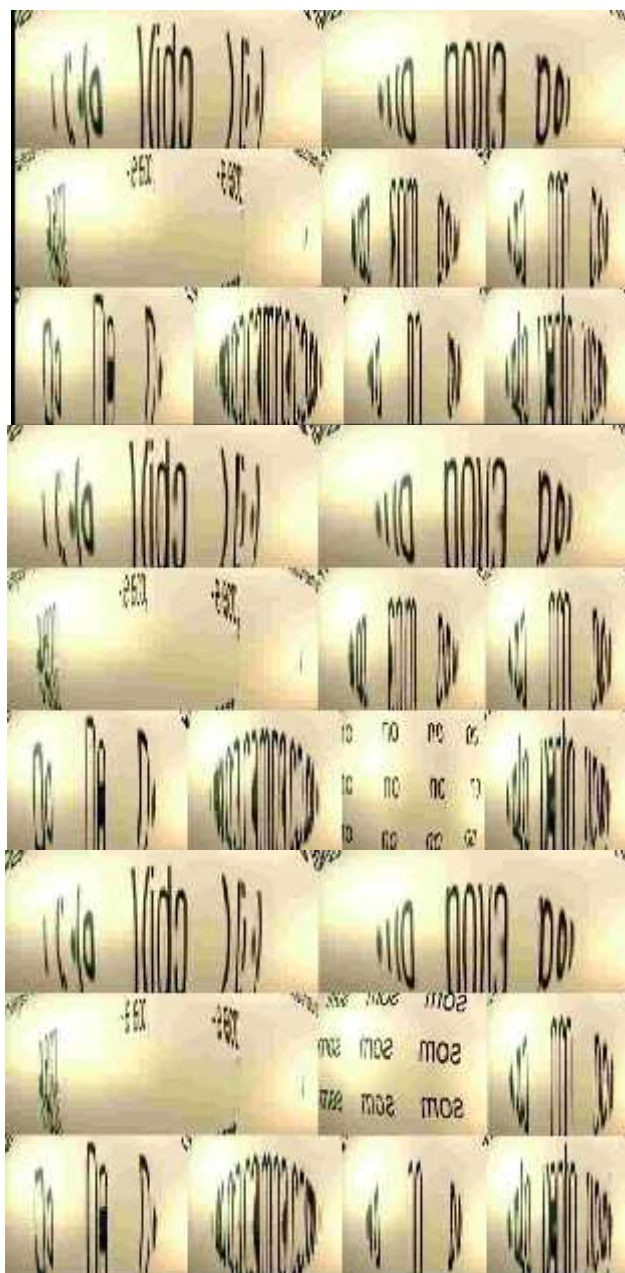
Os nomes dos autores estão dispostos em círculo, em uma interação multimídia, e movimentam-se acompanhados de um som. O ciberleitor precisa procurar o nome desejado e clicar com o *mouse* para acessar o ícone que leva ao poema.



Logo que o *link* para o texto aparece no canto direito inferior da página, o navegador (leitor) é levado à poesia e um novo jogo é proposto. Vejamos o poema

³ Disponível em <http://www.arteria8.net/>. Acesso em 1 de março de 2012.

“Memória” de Alckmar Luiz dos Santos e Gilberto Prado:



O texto eletrônico de Alckmar e Gilberto é multimidiático, pois apresenta imagem, som e letra. A interação também é parte importante na significação do poema. É o ciberleitor quem escolhe em que palavra clicar e escreve seu próprio texto.

O poema “Desejo”, terceiro da série “3 Anipoemas eróticos”⁴, de Ana Maria Urbine, reúne as características de uma obra multimídia que utiliza recursos

⁴ Disponível em <http://www.vispo.com/uribe/>. Acesso em 12 de março de 2012.

computacionais para se fazer existir. É interessante observar que a poetisa emprega letras em movimento para significar o texto.



A palavra desejo aparece em inglês, *Desire*, acompanhada de um tango. As letras “S” e “I”, únicas que apresentam cores diferentes, se locomovem ao som da

música em uma performance sensual, como se estivessem dançando, enamorando-se, desejando uma a outra. Não por acaso a letra escolhida é o “S”, que nos remete diretamente ao sexo. O tango também é uma alusão a sedução, aos corpos entrelaçados, do roçar de pernas e pés, sugerindo um romance entre os bailarinos, no caso, as letras. Imagens, sons e palavras se unem num ritual híbrido, dando sentido ao texto da autora argentina.

A poesia de Alckmar Santos, Gilberto Prado e Ana María Uribe são práticas condizentes com a estética dos e-textos por utilizarem tecnologia multimídia para existirem. Seus poemas agregam sons, letras, imagens e movimentos.

Enfim, é notório que as fronteiras entre a literatura e as demais expressões artísticas diminuem cada vez mais, tornando mais difícil, senão impossível, analisar os projetos poéticos contemporâneos sob a luz dos conceitos tradicionais de literatura e arte, sendo necessário estabelecer novas relações entre as produções artísticas. Nessa perspectiva a literatura eletrônica é, sobretudo, construída a partir do espaço matemático, unindo visão, audição e tato, transformando o poema eletrônico em uma experiência sinestésica.

Não há como afirmar como será o futuro da literatura, sabe-se que ele tende a ser eletrônico, e é inegável que a produção literária já vem galgando esse espaço no mundo das artes, embora ainda sob a égide do preconceito. Desconfianças à parte, a verdade é que não podemos nos esquecer que, coisas hoje tidas como arte, um dia já foram subjugadas pela opinião do público e dos críticos. A fotografia e o cinema, que hoje são considerados a mais pura expressão artísticas, já sofreram problemas de aceitação, taxadas de inferiores quando comparadas à pintura, como nos lembra Walter Benjamin no ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (2005). E assim como o surgimento da fotografia não significou o fim da pintura, é prematuro afirmar que o texto digital irá acabar com o texto impresso, ou que o romance tende a desaparecer com o surgimento de textos mais concisos e intermediários. Não cabe a nós prever o futuro, mas sim analisar o presente e as mudanças causadas pelas mídias virtuais no mundo da literatura, porque como afirma Flusser (2008, p. 38) “eis como estamos no mundo: tateamos, e nas pontas dos nossos

dedos se condensa o futuro simultaneamente aterrador e inebriante.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ricardo. **Poesia visual. Vídeo poesia.** São Paulo, Perspectiva, 1999. **Artéria 8.** Disponível em <http://www.arteria8.net/> Acesso em: 26 jun. 2011.

BAETENS, Jan, VAN LOOY Jan. **E-Poetry between Image and Performance: A Cultural Analysis.** Disponível em <http://journals.dartmouth.edu/cgi-bin/WebObjects/Journals.woa/2/xmlpage/4/article/288> Acesso em: 02 out. 2011.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador.* São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: COSTA LIMA, Luiz (org.), **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 221-54.

DARNTON. Robert. **A questão dos livros.** Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Ao Deus Kom Unik Assão”. In: **As impurezas do branco.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2009.

_____. **Medienkultur.** Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008a.

_____. **O mundo codificado.** São Paulo: Cosag Naify, 2007.

_____. **O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008b.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica. Novos horizontes para o literário.** Trad. Luciana Lhullier/ Ricardo Buchweitz. Passo Fundo: UFP, 2009.

KITTLER, Friedrich A. **Gramophone, Film, Typewriter.** Stanford: Stanford University Press, 1999.

SANTOS, Alckmar. **Entrevista.** Disponível em: <http://rumositaucultural.wordpress.com/tag/literatura-digital/>. Acesso em 28 de novembro de 2011.

SCHMIDT, Siegfried J. *Why literature is not enough, or: literary studies as media studies.* Siegen: Lumis, 1990.

URIBE, Ana María. **Anipoemas.** Disponível em <http://amuribe.tripod.com/anipoemas.html>. Acesso em: 04 out. 2011.

VILLAÇA, Nizia. **Impresso ou eletrônico. Um trajeto de leitura.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

Recebido: 28/05/2012

Aceito: 14/07/2012